

# Aumenta o risco de infecção

“É falta de responsabilidade do Governo”, acusou Walter Rodrigues da Silva, que acompanha desde quarta-feira sua esposa e filha, ambas com pneumonia. A esposa, Marilene de Souza Lima, de 19 anos, ficou alojada, no chão, em um dos corredores do hospital. Ele também não conseguiu um leito para a filha na enfermaria infantil. “Ora ela fica deitada no colchão com a mãe, ora fica no meu colo”. Na sala de repouso infantil, uma cama está sendo utilizada por duas crianças com doenças diferentes. “É um sufoco”, resumiu Valdessa Alves, que acompanha há três dias seu filho Bruno, de quatro anos. Bruno dividiu por três dias a cama com o bebê Taliele Mendes, de 7 meses.

O clínico Sebastião de Souza Filho alertou que a superlotação nas enfermarias e a acomodação improvisada nos corredores

aumentam o risco de infecção hospitalar. Confirmou que a situação na clínica médica é uma das mais precárias. “São apenas 65 médicos para cobrir a escala mensal de todos os turnos”. Ele próprio diz trabalhar 40 horas semanais, sendo obrigado a fazer 96 horas-extras por mês.

“Se chegarem duas pessoas baleadas, por exemplo, o médico tem de escolher quem será atendido, pela faixa etária, número de filhos”, relatou com dramaticidade o cirurgião Eloadir Galvão. Destacou que há apenas uma equipe de cirurgião trabalhando por turno. Eloadir afirma estar revoltado e muito cansado. Contou que há 15 anos, quando começou a trabalhar no Hospital Regional de Sobradinho, havia 22 cirurgiões, para uma população de 60 mil habitantes. “Hoje, são apenas 14 para atender a uma população que dobrou”.